

OS "VERSOS DIVERSOS"

Pela Tipografia José Lino, localizada na rua Senador Pompeu n. 82-A era lançado em fins de 1890 o livro de estréia de Antônio Sales, as cem páginas dos Versos Diversos, onde estão reunidas suas produções, muitas anteriormente publicadas no Libertador e na revista A Quinzena, entre os anos de 1887 e 1890.¹

Alvarins, em *Curvas e Retas*, num poemeto de quatorze quadras, saudava em outubro de 1890 o aparecimento desse livro e conclamava:

*"Vibrai da glória os timbales
da lira, cordas, vibrai . . .
e em versos rubros saudai
as canções do Sales".*

Para aquisição de Versos Diversos as Livrarias Oliveira e Guálter, as Lojas Democrata e Torre Eiffel e o escritório do jornal Libertador acolhiam assinaturas, custando o exemplar a quantia de dois mil réis.

Tenho o livro em mãos; as palavras de apresentação, o depois tão comentado e ridicularizado Pano de Boca (*"na minha terra, como em toda parte, pano de boca é guardanapo"*, comentava jocosamente Adolfo Caminha na Revista Moderna), datadas de novembro de 1890, traziam a assinatura de José Carlos Júnior, o paraibano José Carlos da Costa Ribeiro Júnior, o mesmo que participaria da segunda fase da Padaria Espiritual como Bruno Jacy.

Versos Diversos pelo O País do Rio mereceu notícia antes mesmo de seu lançamento aqui no Ceará graças ao então redator daquela folha, o pernambucano Belarmino Carneiro, um dos incentivadores de Sales, através de várias cartas, para que o poeta publicasse os seus versos num volume.

Logo no dia 3 de janeiro de 1891 o Estado do Ceará publicava um artigo na seção Ineditoriais, assinado por Almando de Castro,² em que este desancava o prefaciador de Versos Diversos, autor de um *"prólogo mal traçado, inconscientemente eivado de afirmações falsas e incoerentes, patenteando, aqui e acolá, absurdos terríveis, a mais estranha mixórdia que imaginar se pode"*.

Cinco dias depois, na Seção Literária do mesmo jornal, Almando classificava como descritivas a maior parte das produções contidas no citado livro. E, finalmente, no dia 15 de janeiro de 1891, ainda o mesmo crítico, em seu último artigo dessa série, estranhava que no soneto Beatriz uma criança de apenas vinte meses de idade, inquirida sobre o paradeiro do pai, respondesse: *"Tá no xéu!"*

Elogiava o soneto De tarde, censurava tivesse o poeta, no soneto A Surpresa da Lua, em seu terceto final, violado a cadência do verso e asseverava que os Versos Diversos eram o reflexo das Poesias de Gonçalves Dias. E terminava seu artigo com esta mensagem ao nosso estreante: *"Envio-lhe, de minha obscuridade, os meus muito sinceros e muito desinteressados emboras e animo-o a não pendurar, por já, dos salgueirais que bordam o rio dos desalentados, a lira donde soube arrancar tão sedutores harpejos. Revez, chantez, soupirez!"*

As críticas ao novo livro continuavam ferindo José Carlos Júnior e o seu autor, Antônio Sales. Teófilo Ribas, por exemplo, manteve uma polêmica com o prefaciador da obra, pelas colunas do Cearense, de 27 de janeiro a 6 de março de 1891, num total de dez artigos.³

Aí então apareceu Adolfo Caminha, autor de dois livros publicados, o de poemas Vãos Incertos, de 1886 e o das novelas Judite e Lágrimas de um crente, de 1887. Residindo em Fortaleza, atacou pela Revista Moderna, por ele fundada em janeiro de 1891, em dois artigos, o livro de Antônio Sales. E o fez, também, pelas páginas de O Estado do Ceará, a partir de 3 de abril, convidando José Carlos para escolher um assunto literário qualquer, convocar *"um júri de homens reconhecidamente sérios e competentes"* para um verdadeiro desafio, em prosa e em verso, com o nosso biografado. Tratava-se nada mais nada menos do que um duelo com padrinhos e tudo . . .

Adolfo Caminha apontava os amigos do Sul tais Valentim Magalhães, Artur Azevedo, Cruz e Sousa e João Ribeiro como os únicos responsáveis pelo possível êxito do livro Versos Diversos. *"Falta ao poeta, dizia Caminha, essa nota indefinível e sublime, diversa em cada artista, que imortalizou Hugo aos quinze anos e que foi a glória dos grandes cantores, desses espíritos privilegiados que nunca precisaram de panos de boca, quero dizer de cartas de apresentação"*.

Voltaria o autor de A Normalista ao ataque em quatro artigos estampados ainda em O Estado do Ceará nos dias 16, 18, 21 e 22 de abril. Dizia não acreditar na sinceridade dos juízos críticos emitidos pelos quatro autores consagrados acima citados e que infelizmente era bem conhecida a prodigalidade criminosa com que veteranos e consumados escritores elogiavam novos valores.

Desejando provar que o talento era como o sol, tinha seus eclipses, capaz portanto também de realizar obras vulgares e os exemplos aí estavam na tragédia Maomé de Voltaire, no Mandarin de Eça de Queirós, nas Vozes sem Eco de Guerra Junqueiro, no Em Paris de Ramalho Ortigão, no Filomena

Versos Diversos

(1888-1890)

SÂNZIO DE AZEVEDO

FORTALEZA

TYP. DE JOSÉ LINO—RUA DO SENADOR POMPEU N. 82-A

1890

Borges de Aluísio Azevedo, no A Vida de Seu Juca de Valentim Magalhães, terminava causticamente dessa maneira sua crônica: *"O próprio Deus, criador inimitável deste livro sublime — A Natureza — foi por vezes infeliz. Exemplo: criando Sua Senhoria"*.

O nosso Antônio Sales, em três crônicas dadas à publicidade no Libertador, Adolfo Caminha e os Versos Diversos, nos dias 16, 17 e 18 de abril defendia-se como podia das diatribes lançadas ao seu livro de estréia. Confessava-se aturdido pelos conceitos descortezes emitidos por Adolfo Caminha: *"tudo isso espantou-me, e espantou-me porque partiam de um rapaz com quem entretive sempre as melhores relações"*. E respondia ao desafio proposto pelo áspero zoilo: *"Imaginem eu e o Caminha no prado olímpico da literatura, de perna tesa e pescoço esticado, disputando heroicamente, denodadamente a ponta, aos olhares ansiosos do público, que externa seus palpites e compra pules . . ."*.

Refutando ao *"ex-futuro Almirante Caminha"* que responsabilizara o falso sucesso de Versos Diversos tão-somente aos inúmeros amigos que o nosso poeta controlava lá do Sul do país, Antônio Sales, magoado, escreveria: *"Supor que escritores de reputação e de imputabilidade dizem de um livro (repete o que já foi transcrito) simplesmente porque o autor tem amigos no Sul não é somente uma ofensa à dignidade alheia como também um mau indício do quilate da própria dignidade"*.

Ao saber da opinião do autor de Tentações sobre os seus versos, *"frescos e corretos"*, Antônio Sales ficou uma fera. E alfinetou: *"Não sou como muitos que há por aí — meros colecionadores de frases sonoras que as arrumam depois em pilhas metrificadas — vazias de arte e cheias de artifício, diferindo tanto de bons versos como uma oleografia de uma tela, uma figura de gesso de uma estátua de mármore, um bibelô de miçanga feito por máquina de um produto manufaturado com arte"*.

Mas as bordoadas não pararam por aí. Tanto que pelo O Estado do Ceará, Almando de Castro novamente viria à arena em 22 e 23 de abril retrucar as Curvas e Retas de Anthony quando este, em curiosas quadras como a que vem logo abaixo, atacava o soneto Que Importa do próprio Almando:

*"Não sei mesmo como explicas
esses versinhos tão feios
tu, Almando, que criticas
livro de versos alheios . . ."*

E já corria o mês de agosto de 1891 quando ainda Adolfo Caminha, *"um homem que já foi do Aracati a Nova Iorque, com escala pela Escola Naval do Rio"*, em O Norte não se esquecia de criticar o poeta paracuruense em sua crônica Duas Palavras.

Dois anos depois de fixada sua residência no Rio, Adolfo Caminha publicava o seu diário de viagem No País dos Ianques, em 1894 e mandava um exemplar para Antônio Sales que assim se manifestava, pelo Ceará Ilustrado,

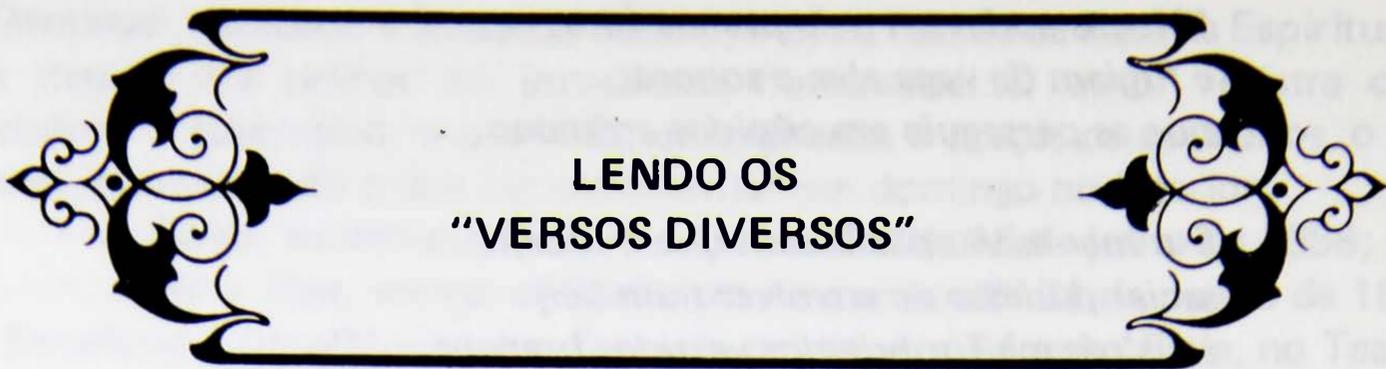
em 10 de outubro daquele ano: *"Agradeço ao Caminha as duas horas inefáveis que me fez passar lendo o seu delicioso livro – um novo e precioso bloco para a peanha sobre a qual, temos fé em Deus, seu nome terá de assomar, dentro em pouco, entre fulgurações supremas, como uma jóia preciosa para o rico escrínio das glórias cearenses"*.

No ano seguinte, 1895, o autor de *O Bom Crioulo* lançaria um novo livro, esse de crítica, *Cartas Literárias*, onde voltaria a reeditar tudo quanto escrevera contra o autor de *Versos Diversos*.

E vá se entender esses escritores!

NÓTULAS

- 1 Dolor Barreira em sua *História da Literatura Cearense* (1948) engana-se ao afirmar à página 272 do 1.º Tomo conter os *Versos Diversos* poesias datadas de 1888 a 1890. Tanto que *Reminiscências*, *No Cemitério*, *Viajando e Dormindo*, são de 1887 e estampadas no *Libertador*. Também em 1887 *A Quinzena* lançava *O Vestido Azul*, *A Mãe Louca*, *A Canção de Tragadalbas*, *O Filhinho de Peri*, *Rosa de Alvorada*, *Alternativa*, *Líricas I, II, III e IV*.
- 2 Almando de Castro, pseudônimo de Antônio Cunha Mendes, na época com dezesseis anos incompletos.
- 3 Dez artigos assim distribuídos: Janeiro (dias 27 e 29); Fevereiro (dias 1.º, 6, 8, 14, 17, 19 e 20); Março (dia 6).



LENDO OS
"VERSOS DIVERSOS"

Façamos algumas referências sobre as produções poéticas contidas nos Versos Diversos.

– *Vice-versa*: soneto, título realmente impróprio, depois modificado para *Reverso*;

– *Ao Luar*: poema publicado em A Quinzena n. 4 (11 de março 1888);

– *De tarde*: soneto dedicado a Antônio Bezerra, poeta, abolicionista fervoroso, sócio do Grêmio Comercial Perseverança e Porvir, fundador da Sociedade Libertadora Cearense. Companheiro de Antônio Sales em A Quinzena, no Clube Literário e no Libertador. Soneto essencialmente descritivo;

– *Cromo*, depois *Um Quadro* e publicado no Libertador de 16 de outubro de 1889 com o título *Na Vila*; soneto dedicado ao seu amigo Belarmino Carneiro, redator de importante jornal fluminense O País e um dos grandes incentivadores do poeta cearense através de variada correspondência. Responsável pela notícia, em primeira mão, no Rio, verdadeiro furo, do lançamento de Versos Diversos em Fortaleza, notícia acompanhada de um soneto que ele mesmo escolheu quando por aqui andara;

– *No Cemitério*, soneto já publicado no Libertador de 6 de novembro de 1889;

– *De Volta ao Campo*, depois *Um Dia no Campo*, soneto publicado no Libertador de 2 de outubro de 1887:

*"os sentidos em tal prazer imersos
que faltando papel, fiz-te estes versos
escrevendo-os no punho da camisa!"*

– *A Volta das Andorinhas* e depois *Abril*, publicado em A Quinzena n. 2 de 31 de janeiro de 1888, poema dedicado a Oliveira Paiva, companheiro de Antônio Sales no Clube Literário e na revista A Quinzena;

– *Na Praia*, soneto inspirado na chegada alegre das jangadas, comparando-as Antônio Sales a um bando de pressurosas garças:

*“Moças andavam pela praia a fora,
e fugiam da vaga alva e sonora,
que as perseguia em cúpidos arrancos . . .*

*E o mar as viu partir sem que o desejo
saciar pudesse de envolver num beijo
seus pés e a fímbria dos vestidos brancos . . .”*

– *Manhã de Luto*, poemeto publicado no *Libertador* de 14 de setembro de 1897;

– *Flor d’Alva*, soneto antes intitulado *Rosa d’Alvorada*, aparecido em *A Quinzena* n. 14, de 31 de julho de 1887;

– *Teu Leque*, depois *O Confidente*, soneto em que o autor comparava o leque da amada, de gase preta, a uma adormecida borboleta;

– *Na Avenida*, poemeto onde o autor mais uma vez recorda o Passeio Público, o mar bem próximo, os coqueiros, as filas dos combustores, os cisnes, os beijos furtivos . . .

– *Na República*, soneto dedicado a seu grande amigo o padreiro Jovino Guedes, seu companheiro no Centro Republicano, na revista *A Avenida*, no Clube Literário, no sobradinho da rua Major Facundo;

– *Carminha*, soneto publicado no *Libertador* de 24 de fevereiro de 1890. Dedicado a Joaquim Costa Sousa, também como Antônio Sales de origem humilde, caixeiro de uma casa comercial e que chegou, pelo esforço próprio, a dominar o francês, o inglês, o italiano e o alemão. Secretário de Fazenda no Governo Franco Rabelo, foi um político de grande prestígio aqui no Ceará;

– *Viajando*, soneto publicado no *Libertador* de 17 de agosto de 1887;

– *Renascimento e Farewell!*, sonetos e *O Vestido Azul*, poemeto, o primeiro publicado no *Libertador* de 10 de fevereiro de 1890, o último em *A Quinzena* n. 13, de 18 de julho de 1887, todos os três dedicados a Valdemiro Cavalcanti, seu companheiro no *Libertador* e na segunda fase da *Padaria Espiritual* como Ivan d’Azhoff. Lindos os tercetos de *Farewell!*

*“No fundo azul das solidões remotas,
quando a terra afinal já não se aviste,
e palpitem as flâmulas revoltas;*

*nossas almas em forma de gaivotas
hão de seguir-te num cortejo triste
que o vento arrasta como folhas soltas!”*

– *Dormindo*, soneto publicado no *Libertador* de 30 de outubro de 1887;

– *Na Vila*, poemeto, é um documentário que retrata a vida simples de um lugarejo num dia de domingo e tal a razão da mudança de seu título para

O Domingo, dedicado a Eduardo Sabóia, o Braz Tubiba da Padaria Espiritual e que depois iria brilhar no jornalismo fluminense. O autor registra com fidelidade o taberneiro, o sacristão, as mulheres, a praça, os cavaleiros, o pó, as aves, a missa, tudo o que faz movimentar um domingo no interior;

- *A Garça*, soneto publicado no *Libertador* de 15 de julho de 1888;
- *Barra a fora*, soneto recitado pelo autor no dia 31 de março de 1891 no Benefício Lítero-Musical em favor do pai do ator Afonso Vilela, no Teatro São Luís. Publicado no *Libertador* de 5 de dezembro de 1889;
- *A Mãe Louca*, soneto originalmente publicado em *A Quinzena* n. 9, de 15 de maio de 1887, depois levemente modificado em seu primeiro terceto;
- *?*, soneto dedicado a Hermínio Barroso, educado na Europa e uma das maiores autoridades em assuntos musicais no Ceará. Chamava-se *Dúvidas* quando estampado em *A Quinzena* n. 3, de 23 de fevereiro de 1888;
- *Pendant l'Orage*, soneto posteriormente chamado *A Tempestade*;
- *Lá*, soneto depois intitulado *Olhando a Serra*;
- *Fora das Ruas*, poema dedicado ao violoncelista português Frederico Nascimento, amigo inseparável do grande maestro Alberto Nepomuceno e publicado no *Libertador* de 22 de julho de 1888;
- *Farniente*, soneto dedicado a Porfírio Nogueira, fortalezense, que se mandou para o Amazonas, infiltrando-se na política local e que faleceu na Suíça nos inícios da primeira Grande Guerra;
- *Noturno*, soneto dedicado a José Olímpio, companheiro do autor no Clube Literário e na redação de *O Domingo*; publicado no *Libertador* de 17 de setembro de 1887 com o título de *Paisagem Noturna*;
- *Panorama*, poemeto depois batizado *A Cajazeira*, dedicado a Raimundo Bizarria, jornalista por vinte anos do *Diário de Notícias* da terra baiana;
- *Carta*, poema dedicado a duas senhoras que pediram versos a Antônio Sales; o autor, em tom humorístico, confessava seu desalento, seu desinteresse em atendê-las. Pincemos algumas quadras interessantes;

*“Entro no quarto onde outrora
eu, – que dilúvio! fazia
quatro sonetos por hora,
quinhentas quadras por dia.*

*A minha banca, esquecida,
tem uma aparência estranha,
assim como está – vestida
de cortinados de aranha!*

*Versos sonoros, suaves,
pelintras, claros, facetos;
áureas cambadas de chaves
com que eu fechava os sonetos”.*

– *História de uma Romeira*, poema dedicado à Madame João Lopes, a Menininha, por quem Antônio Sales devotava profunda admiração;

– *Desmoronamento*, poema dedicado a Álvaro Martins, o Alvarins, padeiro e depois centrista, criador da seção original Curvas e Retas do Libertador;

– *Longe*, soneto intitulado mais tarde *Morena*, publicado no Libertador de 9 de dezembro de 1889;

– *Canção*, soneto de Auguste Vacquerie, em A Quinzena n. 10, de 31 de maio de 1887 com o título de *A Canção de Tragadalbas*;

– *A João Cordeiro*, soneto. Dedicado ao grande abolicionista e republicano ardoroso;

– *Un Tour de Lac*, poema dedicado a Dona Isabel Rodrigues da Silva, na intimidade Biluca, esposa do livreiro Guálter Rodrigues da Silva;

– *Pálida*, soneto dedicado a Pápi Júnior, seu companheiro nas redações de O Domingo, de A Avenida, do Clube de Letras e do Centro Republicano;

– *Andorinha Perdida*, soneto publicado no Libertador de 4 de dezembro de 1890;

– *Repouso*, soneto publicado em A República, de 19 de janeiro de 1893.

Deixamos para o fim — propositadamente — o soneto *Reminiscências*, dedicado a Maroca, apelido íntimo de uma das três irmãs de Antônio Sales, Maria, casada com o Coronel do Exército Joaquim Alves Cavalcanti. Publicado, inicialmente, no Libertador de 8 de dezembro de 1887, lembra com saudade o humilde povoado em que ambos nasceram, Parazinho:

*“Lembra-me bem — com que saudade! A aldeia
de longas ruas, de áurea luz vestida,
com suas grandes árvores e a ermida
a cuja frente a grande cruz se alteia.*

*Deitada no tapiz de branca areia
que cobre o dorso à ribanceira erguida,
contempla o mar, que, tímido de vida,
palpita em baixo — azul como uma veia.*

*Julgo estar vendo os brônzeos pescadores,
as jangadas, as conchas multicores
cravejando da praia a ebúrnea veste.*

*E ali . . . Foi nessa casa cuja frente
se volta para as bandas do ocidente
que eu nasci, minha irmã, que tu nasceste”.*

Artur Azevedo, Marasquino, pseudônimo que ocultava o incentivador de novos, Valentim Magalhães, João Ribeiro, Clóvis Beviláqua, Cruz e Sousa e

Artur de Miranda receberam com aplausos os Versos Diversos de Antônio Sales.

O rotundo poeta e teatrólogo maranhense, na seção Flocos do Correio do Povo, do Rio, sensatamente afirmava: *“Um ou outro descuido da forma, uma ou outra impropriedade de imagem, são largamente compensados pela influência, pela delicadeza e pela graça ingênua e honesta que me encantaram nestas páginas”*.

O crítico sergipano, pelo O País, declarava o ser nortista o maior dos defeitos de Antônio Sales e concluía: *“Enquanto se escrever coisas dessas, eu creio que a Arte viverá ainda que a contragosto dos nossos belos paradoxos revolucionários”*.

Ainda Artur Azevedo pelo diário paulistano Mercantil, artigo transcrito no Libertador de 2 de maio de 1891, dessa vez mais pródigo no elogio, garantia que *“há no seu livro estrofes de uma entrançada elegante e harmoniosa, de notável colorido firme e vivaz que alegra o senso estético do leitor e aguça-lhe bem fundo a fibra da emoção. O senhor Antônio Sales é um poeta. Dito isto, está dito tudo”*.

Clóvis Beviláqua, em carta dirigida ao autor, confessava que *“poucos, muito poucos, têm estreado sob tão bons auspícios”*.

O poeta simbolista Cruz e Sousa, o jornal A República do Pará e o cronista mineiro da Revista Ilustrada Artur de Miranda registraram em suas seções, a qualidade estética de Versos Diversos.

*“Deves saber que o Brasil
é um país de gente
de uma polca gentil,
recreando-se nos
cruzes e flocos do Brasil
e deixando o ar
de prove redilhador
das goitinhinhas folôras”*